

CLUBES DE LEITURA ONLINE: NOTAS SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DE DUAS PROFESSORAS

Raquel Silva Barros¹

 <https://orcid.org/0000-0002-1257-0874>

Edméa Oliveira Santos²

 <https://orcid.org/0000-0003-4978-9818>

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar a experiência de duas professoras praticantes culturais no clube de Leitura da Manu, organizado e idealizado por Manuela D'Ávila, no primeiro semestre de 2023. A partir da vivência com os fenômenos que emergem da cibercultura, as autoras do estudo buscaram compreender as práticas cotidianas vivenciando situações de aprendizagem a partir da participação no coletivo de leitura de livros escritos e protagonizados por mulheres. Articulamos a experiência vivenciada junto ao clube aos estudos sobre ciberfeminismo. Pautamo-nos, metodologicamente, nos estudos da pesquisa-formação na cibercultura, ancorados na epistemologia multirreferencial, cibercultural e dos cotidianos. Nossa investigação traz apontamentos diante do vivenciado, tais quais a aprendizagem em rede na relação cidadeciberespaço, a construção e mobilização de saberes para além da educação formal e o fortalecimento de redes de reexistência através da partilha.

Palavras-chave: Clubes de leitura; Ciberfeminismo; Mobilização de saberes; On-line.



¹Doutora em Educação, Colégio Pedro II, E-mail: raquelsb@cp2.g12.br.

²Professora Doutora titular-live, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRJ), E-mail: edmeasantos@ufrj.br.

ONLINE READING CLUBS: NOTES ON THE EXPERIENCES OF TWO TEACHERS

Abstract: The present article aims to present the experience of two cultural practitioner teachers at Manu's Reading Club, organized and conceived by Manuela D'Ávila in the first semester of 2023. Based on their experiences with the phenomena emerging from cyberculture, the authors sought to understand daily practices by engaging in learning situations through participation in a book club focused on works written and led by women. We relate the experience within the club to studies on cyberfeminism. Methodologically, we base our approach on research-formation studies in cyberculture, anchored in multireferential epistemology, cyberculture, and everyday life. Our investigation offers insights into experiences such as networked learning in the context of city-cyberspace relationships, the construction and mobilization of knowledge beyond formal education, and the strengthening of networks of reexistence through sharing.

Keywords: Reading clubs; Cyberfeminism; Mobilization of knowledge; Online.

CLUBES DE LECTURA EN LÍNEA: NOTAS SOBRE LAS EXPERIENCIAS DE DOS MAESTROS

Resumen: El presente artículo tiene como objetivo presentar la experiencia de dos profesoras practicantes culturales en el Club de Lectura de Manu, organizado e idealizado por Manuela D'Ávila en el primer semestre de 2023. A partir de la vivencia con los fenómenos que emergen de la cibercultura, las autoras del estudio buscaron comprender las prácticas cotidianas viviendo situaciones de aprendizaje a partir de la participación en el colectivo de lectura de libros escritos y protagonizados por mujeres. Articulamos la experiencia vivida en el club con los estudios sobre ciberfeminismo. Nos basamos metodológicamente en los estudios de investigación-formación en cibercultura anclados en la epistemología multirreferencial, cibercultural y de los cotidianos. Nuestra investigación ofrece observaciones sobre experiencias como el aprendizaje en red en la relación ciudad-ciberespacio, la construcción y movilización de saberes más allá de la educación formal y el fortalecimiento de redes de reexistencia a través del compartir.

Palabras clave: Clubes de lectura; Ciberfeminismo; Movilización del conocimiento; En línea.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo narrar a experiência vivida por nós, autoras deste texto, no clube de Leitura da Manu (clube de leitura pensado e organizado por Manuela D'Ávila), que se deu no primeiro semestre de 2023, em sua sexta oferta. Apresentamos o desenho didático pensado para o clube e destacamos nossas itinerâncias nesse processo formativo.

A cibercultura é a cultura contemporânea caracterizada pelo conjunto de práticas cotidianas, modos de pensamento, técnicas materiais e imateriais que se desenvolvem com o crescimento do ciberespaço. O ciberespaço está caracterizado pela “infraestrutura material da comunicação digital, o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (Levy, 2010, p. 17). Nessa relação, diferentes dinâmicas sociais são estruturadas na relação *cidadeciberespaço* e, assim, emergem novos arranjos *espaçotemporais* de educação e pesquisa (Santos; Weber, 2018).

Os modos de produção e compartilhamento de informações estão marcados pela desterritorialização, ou seja, pela não existência de fronteiras geográficas e espaciais e, nessa direção, Santos e Rangel (2020) imbrica os termos *cidadeciberespaço* como política de sentidos, já que entende que os processos comunicacionais mediados pelo digital em rede não estão apartados das cidades.

No período de distanciamento social iniciado em 2020 pela pandemia de Covid-19, tivemos que nos adaptar a uma nova organização do espaço e tempo, postergando alguns movimentos que exigiam presencialidade física para desacelerar a disseminação do vírus em circulação e, diante disso, intensificou-se o uso de tecnologias digitais em rede. A diminuição do movimento acelerado do cotidiano possibilitou a eclosão de diversos dispositivos no ciberespaço.

Linguagens multimodais e hipermidiáticas se multiplicaram e diversos cenários surgiram ou se fortaleceram nesse contexto. Encontros através de videochamadas, *lives* com participação síncrona e assíncrona através de *chats*, aumento das participações em redes sociais digitais, entre tantas outras ações, formaram uma rede extensiva de atividades forjadas socioculturalmente.

Nessa arena, discussões acerca de obras feministas se fizeram fortemente presentes nas redes em um momento em que as mulheres, especialmente as negras, foram as que mais sofreram com o período de distanciamento e, de forma ainda mais impetuosa³.

O momento de distanciamento social revelou ainda mais a necessidade da discussão e conhecimento acerca do rompimento com os modelos hegemônicos de ser, ver e pensar a classe social, o patriarcado e a negritude. Conhecer nossas histórias contadas através das lentes daqueles que historicamente estiveram à margem e que reivindicam espaços para que suas vozes ecoem e cheguem aos ouvidos são ações necessárias e que têm se intensificado nas últimas décadas. É repensar o lugar do ‘outro/a’ que coloca à margem a possibilidade do ‘eu’, trazendo a história e definindo subjetividades que historicamente são contadas e escritas por outras pessoas. É romper com “as estruturas de opressão que não permitem que essas vozes sejam escutadas, tampouco proporciona um espaço para circulação das mesmas” (Kilomba, 2019, p. 47).

Diante disso, as diversas formas de narrar os acontecimentos ganham terreno na cibercultura e, nesse limiar, o ciberfeminismo, fenômeno da cibercultura, se apresenta como um espaço fecundo de protagonismo de mulheres que narram a expressão dos feminismos contemporâneos na relação *cidadeciberespaço* (Santos, 2022).

Em meio a dilemas inquietantes que tangenciam as relações sociais, novas e diferentes práticas emergem anunciando possibilidades de transgressão ao lugar de Outridade. Do lugar da vítima ao levante, mulheres constroem suas redes através de coletivos e habitam espaços de resistência e revides às formas de opressão, violência e subjugação.

Nessa dinâmica, clubes de leitura online surgiram em 2020 como forma de trazer para a arena de discussões obras literárias de mulheres. Mulheres, professoras, artistas, mães, candomblecistas acionam redes de contato e interesses em comum através de suas contas nas redes sociais digitais para pensar e construir sentidos a respeito de questões feministas, por meio de ações e práticas formativas.

Essas práticas cotidianas acontecem na relação cidade-ciberespaço e são o produto de ações interconectadas dos seres humanos com os objetos técnicos que acontecem fora do âmbito formal de educação. Fernandes e Santos (2020) apontam para uma dicotomia existente entre essas práticas cotidianas da cibercultura e as práticas pedagógicas de ensino

³ Inúmeras denúncias de violência doméstica, feminicídios, cárceres privados se revelavam com mais intensidade no ano de 2020. Nesse período, o disque 180, número de telefone que recebe denúncia de violência contra a mulher, registrou um aumento de 36% de casos e 46,7% das mulheres que sofreram violência perderam seus empregos (Barreira; Fonseca, 2022).

e aprendizagem, tendo em vista a tradição herdada em levar em conta um modelo único, o escolarizado, como uma referência exclusiva de processo formativo.

Iniciamos a discussão do artigo apresentando as proposições de clubes de leitura online no contexto cibercultural em que se destaca a estrutura epistemológica para o compartilhamento de informações e construção do conhecimento em rede. Prosseguimos com o anúncio do caminho metodológico, pensando a pesquisa na relação *cidade/ciberespaço* (Santos; Rangel, 2020). Logo após, narramos nossas experiências a partir do vivido no clube de Leitura da Manu, lançando lentes para compreender a itinerância que constrói o desenho didático proposto pelo clube. Em última análise, finalizamos a discussão apresentando nossas impressões diante do vivido no clube, a partir das nossas experiências e pesquisas com o Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura, que pensa e desenvolve dispositivos e atos de pesquisa mediados pelo digital em rede.

Clubes de leitura online na cibercultura

As dinâmicas das interações online vêm promovendo novas formas de socialização e criação mediadas pelo ciberespaço. Diferentes práticas sociais emergem nesse contexto, dentre elas, a criação de clubes de leitura. O distanciamento social imposto no período de pandemia de Covid-19, em 2020, fez eclodir diversos dispositivos nas redes digitais online. A prática coletiva da leitura de livros foi potencializada pelos encontros que tiveram seu lócus marcante o online como forma de mediação.

Por definição, clubes são locais onde se realizam encontros ou reuniões de caráter recreativo, político e social, que contam com pessoas associadas que estão interessadas por um tema e promovem ações direcionadas a debates, discussões e outras atividades. Clubes de leitura ou coletivos de leitura são organizações coletivas coordenadas por editoras, bibliotecas, livrarias e pessoas físicas e se destinam à leitura, debate, compreensão e partilha sobre um livro selecionado previamente e a assuntos a ele relacionados. Eles se destacam pela imersão de seus integrantes na partilha de significados que são únicos e específicos para seus integrantes.

Estabelecemos redes com amigos, organizações, instituições, clubes e coletivos, por exemplo. Essas redes são compostas por pessoas que interagem entre si a partir da possibilidade do online. Por conseguinte, “com a emergência da ‘sociedade em rede’,

novos espaços digitais, a exemplo das redes sociais da internet vêm se estabelecendo a partir do acesso e do uso criativo do digital em rede” (Santos, 2022, p. 79).

Ao interagir em rede criando e compartilhando informações e conhecimentos com as interfaces digitais nas redes online, os ciberclubistas potencializam suas teias de saberes e promovem autorias colaborativas. Nesse sentido, o ciber está relacionado aos pressupostos da cibercultura, que se define como a “cultura contemporânea estruturada pelo uso das tecnologias digitais nas esferas do ciberespaço e das cidades” (Santos, 2019, p. 22).

As ações e práticas que se desenvolvem na cibercultura possibilitam o encontro entre pessoas geograficamente dispersas e, ainda, o suporte digital para compartilhamento de materiais e organização das ações desenvolvidas, construindo ambiências formativas. Podemos pensar no ciberespaço como uma forma de estabelecermos relações entre pessoas, porém, não ligados a quem realmente sejam elas, por seu nome ou posição geográfica, contudo a partir dos centros de interesses a que estão relacionadas (Levy, 2010).

As cidades são “artefatos que se desenvolvem sempre em relação às redes técnicas e sociais. Hoje, dentro dessa perspectiva, temos à nossa disposição uma nova rede técnica (o ciberespaço) e uma nova rede social (as diversas formas de sociabilidade online)” (Lemos, 2004, p. 19). Fazemos pesquisa na conexão *cidadeciberespaço* e, nessa direção, consideramos importante compreender os fenômenos que emergem das relações engendradas na interface das redes com o espaço urbano.

Os clubes de leitura constroem suas atividades através da curadoria de materiais literários para leitura e discussão sobre um tema em encontros online e/ou presenciais. As ações dos clubes e coletivos, não obstante, vão além da leitura de livros. Habitando no ciberespaço, nós, autoras, seguimos os rastros e participamos de redes formadas por mulheres em diferentes contextos. Observamos suas publicações e chamadas sobre suas organizações através das redes sociais, especialmente aqui, o *Instagram*.

Participação e organização de saraus literários, atuação em feiras e slams, autoria de livros, apresentações de suas obras autorais por meio de convites refletem algumas das inventividades percebidas pelos rastros deixados nas páginas por suas participantes. Nossas redes de contato se ampliam com a possibilidade da conexão através da Internet e se reconfiguram a partir das “práticas de outras formas de presencialidade em rede” (Santos, 2022, p. 32).

De organizações privadas de clubes de leitura a coletivos plurais formados por interessados no assunto, diversas são as possibilidades de tornar-se membro e de acompanhar as ações coletivas.

É possível perceber esses rastros de autoria através de clubes como: @literalmente elas, coletivo de mulheres que leem mulheres; @clubedeleituradamanu, clube de leitura organizado, idealizado e realizado por Manuela D'Ávila; @bau_encantado_historias_livros, o clube do livro Preta, organizado por Maggna Domingues; @mulheresdoler, coletivo de mulheres que atuam na Baixada Fluminense do RJ; @clubedolivrofalapreta, organizado por Jessica Cardoso.

Essas autorias se revelam através dos rastros que sujeitas tecem através de suas interações e criações nas redes sociais e que se ampliam a outros meios e interfaces. O engajamento de mulheres em clubes e coletivos, como os apresentados acima, através de dispositivos de cibercoletivos de leitura, está situado em um movimento de quarta onda⁴ do feminismo, como conceitua Matos (2010), ou ciberfeministas⁵, já que através de suas lutas, proliferadas na Internet, “tem o ciberespaço como meio de organização e extensão de seus campos de atuação na vida cotidiana” (Fernandes; Santos, 2020, p. 19). Nesse cenário, o ciberfeminismo se gesta como uma “nova onda de pensamento e de práticas sociais e políticas de mulheres *net*-ativistas. Abre-se para a esperança de construção de uma nova ordem, que questiona gênero em interseccionalidade com outros eixos dos feminismos e suas reapropriações” (Fernandes; Santos, 2020, p. 20).

Como forma de ampliar e tensionar as discussões sobre obras escritas e protagonizadas por mulheres, a intersecção da pauta racial e de classe nas discussões é extremamente necessária. É importante se considerar e reconhecer a ampliação do debate quando falamos sobre feminismo não reduzindo-o a um fenômeno que combata apenas o sexismo. O feminismo, em linhas gerais, “é um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão” (Hooks, 2022, p. 17), no entanto, como defendido pela própria autora, não para por aí. González assevera que “apesar de suas contribuições fundamentais para a discussão da discriminação com base na orientação sexual, o mesmo

⁴ Matos defende a ideia de se pensar uma quarta onda do feminismo ao considerar “a direção rumo a arenas paralelas de atuação, seja no âmbito da sociedade civil ou no das fronteiras existentes entre esta e o Estado, e também é perceptível a partir da afirmação da importância de se considerar as fronteiras interseccionais, transversais e transdisciplinares entre gênero, raça, sexualidade, classe e geração” (Matos, 2010, p. 69).

⁵ O fenômeno aqui descrito não se trata de uma novidade no cenário atual. As autorias, interações e mediações culturais costuradas por mulheres no contexto de hiperconexão datam já dos anos 80 e ressoam na atualidade (Fernandes; Santos, 2022).

não ocorreu diante de outro tipo de discriminação, tão grave quanto a sofrida pela mulher: a de caráter racial” (González, 2020, p. 140).

Considerar e encarar a realidade da diferença racial entrelaçada às discussões sobre gênero exige lançar luzes e olhar com objetividade para as condições das mulheres de forma realista. O feminismo pensado por mulheres brancas e de classe social mais privilegiada se distancia da dinâmica social e racial a que mulheres negras e pertencentes a classes economicamente menos favorecidas estão subjugadas. A visão de sororidade, quando essa relação é pensada, possibilita que as vozes de diferentes mulheres possam ser ouvidas e refletidas. A escolha em participar do clube de leitura em questão por nós, autoras desta pesquisa, teve de antemão essa preocupação, ao estudar a sua proposta e obras escolhidas previamente para a leitura.

O encontro com as diferentes narrativas multimodais que se costumam nas redes parte da possibilidade das representações que chegam até nós e “encontra-se conectada a outras mensagens, a comentários, a glosas em evolução constante, às pessoas que se interessam por ela, aos fóruns onde se debate sobre ela aqui e agora” (Lemos; Levý, 2010, p. 120).

A literatura é um campo abundante para reflexão, através de diferentes obras, a respeito do contexto histórico, econômico e social de uma cultura. Compreendemos que a busca pela leitura e discussão de obras femininas escritas e protagonizadas por mulheres no clube de leitura online em questão o coloca como um importante espaço de empoderamento de pautas relacionadas a discussões de gênero. Terrenos como esse são imperativos para conhecer as diferentes narrativas e práticas cotidianas de sujeitas/es/os que promovem autorias e tensionam posturas cisheteropatriarcais em suas obras.

Estabelecer redes de relações online possibilita estar em contato com vozes em diferentes *espaçotempo* propiciadas pelo encontro no ciberespaço. Acompanhando as dinâmicas que ocorrem nos clubes de leitura, percebemos que elas se utilizam de espaços de aprendizagens que podem ser Ambientes Virtuais de Aprendizagens (AVAS) e/ou conteúdos dispostos de forma hipermediática em que se articulam redes sociais digitais e páginas web com links externos para realizarem suas ações. Para Santos (2022, p. 79),

[...] a noção de espaço de aprendizagem vai além dos limites do conceito espaço/lugar. Com a emergência da ‘sociedade em rede’, novos espaços digitais, a exemplo das redes sociais da internet vêm se estabelecendo a partir do uso criativo do digital em rede.

Reconhecemos o ciberespaço como um espaço multirreferencial de aprendizagem. Esses espaços constituem-se em ambiências formativas no momento em que os praticantes culturais possuem sua alteridade reconhecida, “sentindo-se implicados numa produção coletiva, dinâmica e interativa que rompa com os limites do espaço geográfico e do tempo” (Santos, 2022, p. 79). É possível, assim, conhecer, debater e produzir saberes críticos, edificados de diferentes maneiras, tendo como base a experiência de mulheres negras, como a partir da escrita literária.

O desenho curricular hipermediático de um currículo online “lança mão de diferentes mídias em conexão com uma infinidade de linguagens e conteúdos digitais” (Santos, 2023, p. 286). Para o presente estudo, procuramos conhecer a estrutura do clube de leitura construído como praticantes culturais e entender as aprendizagens que se forjam pela mobilização formativa a partir de nossas participações/interações nesse processo. Buscamos, ainda, compreender quais são as interfaces utilizadas como proposta de interação no clube e, ainda, de que forma e quais os usos foram feitos delas.

Pesquisando na relação cidade/ciberespaço

A opção teórico-metodológica pela pesquisa-formação na cibercultura, estruturada neste estudo, se delinea pela implicação política dos estudos articulados junto à itinerância do grupo de pesquisa Docência e Cibercultura, que desenvolve projetos de pesquisa e formação de professores na interface *cidadeciberespaço* (Santos, 2019).

Perceber as inventividades que se desdobram nos nossos cotidianos e seu potencial formativo é um ponto-chave para se pensar em pesquisa-formação na cibercultura. Esse encontro com o fenômeno a ser compreendido é, acima de tudo, o reconhecimento de um compromisso com a criação de saberes (Macedo, 2020).

A pesquisa-formação na cibercultura é concebida como um método de pesquisa consistente e que, ao se pensar na investigação de fenômenos emergentes no campo da cibercultura, se atualiza e se destaca por sua autoria (Santos, 2019). Nesse sentido, é relevante considerar as diferentes composições curriculares nas quais processos educativos mediados por tecnologias digitais em rede se forjam no cotidiano.

Eis, então, a necessidade de se pensar e construir uma nova ciência que nos possibilite reconhecer outras referências e/ou saberes e conhecimentos (Santos, 2019) e, dessa forma, empreender uma pesquisa com rigor outro. Compreendendo a necessidade de

não desmembrar as práticas sociais da cibercultura do processo formativo dos praticantes, novas indagações para a formação emergem e demandam práticas de pesquisa-formação através de uma abordagem multirreferencial.

A multirreferencialidade, para Jacques Ardoino, está para além de um arranjo metodológico, é, sobretudo, uma posição epistemológica. Nessa perspectiva, realizar uma análise multirreferencial “das situações, das práticas, dos fenômenos e dos ‘fatos’ educativos propõe-se explicitamente a uma leitura plural de seus objetos, sob diferentes ângulos em função de sistemas de referências distintos, não supostos redutíveis uns aos outros” (Ardoino, 2012, p. 87).

Nesse caminho, bricolagem as operações conceituais que têm como inspiração a abordagem multirreferencial é o ponto-chave dos estudos com pesquisa-formação na cibercultura. Nas pesquisas desenvolvidas e orientadas por Santos, bricolagem “é uma prática multirreferencial do tecer junto e com coerência epistemológica, subvertendo o pensamento único e disciplinar” (Santos, 2019, p. 3).

Um dos pressupostos da pesquisa-formação na cibercultura está em reconhecer o outro como coautor da pesquisa desenvolvida. É operar na produção de dados com os praticantes culturais, conhecer seus saberes e aprender com eles no contexto em que a pesquisa acontece (Santos, 2014).

No estudo realizado, além de pesquisadoras, somos também praticantes culturais da pesquisa. Coabitamos o clube de leitura da *Manu* como sujeitas integrantes imersas nas relações de saberes e práticas socialmente construídas com outras integrantes no primeiro semestre de 2023, em sua sexta oferta.

Compreender os fenômenos que emergem das ações cotidianas requer contextualizar as experiências e as histórias dos praticantes envolvidos, porém, esses contextos “não são puramente individuais. São sociais e institucionais, envolvendo signos, significados e hábitos de pensamento socialmente construídos” (Santaella, 2013, p. 14).

Como sujeitas habitantes do ciberespaço, pensamos ser preciso, antes de tudo, para fazer pesquisa com a ambiência online, “viver as tecnologias”, como nos alerta Santaella (2013). Nosso intuito ao fazer parte do clube de leitura estava em adentrar nos estudos de obras de mulheres feministas que marcam e marcaram história na literatura brasileira como prerrogativa de uma ampliação de nosso repertório cultural e político sobre essas questões.

E nessa esteira, um rol de dilemas emergiram desse processo formativo e geraram implicações que nos instigaram a pensar com/sobre os dispositivos que surgiram dessas dinâmicas. Questionamo-nos buscando compreender o que é construído frente às diferentes

formas de narrar nesses espaços coletivos. Como o clube se organiza e se estrutura em suas atividades? Quais são as interfaces estruturantes desse fenômeno sociotécnico que fizeram emergir múltiplas narrativas a partir dos diferentes usos do digital em rede?

É possível perceber no ciberespaço uma articulação de dinâmicas que envolvem as diversas linguagens exploradas pelo feminismo. Costa (2018) salienta que essas linguagens possuem características próprias e as pontua em alguns eixos, tais quais: a força mobilizadora dos relatos pessoais; a atualização das interdições e violências vividas pelas mulheres; as múltiplas posições identitárias feministas dentro das lógicas interseccionais; a resposta ao forte conservadorismo através de novos instrumentos de luta.

Esses eixos se articulam com mais expressão no contexto da cibercultura, já que as praticantes culturais inscrevem suas manifestações concretas e deixam rastros através de criações em forma de narrativas em variadas formas de linguagens e utilizando-se de diferentes mídias.

Nessa direção, buscamos as singularidades dessas experiências que se constroem a partir do encontro de mulheres que leem, pensam e escutam outras mulheres e, ainda, identificam as similaridades, os modos de fala e a potência das vozes nas obras, nos comentários e nas escolhas dos livros lidos para assim “perceber laços que tecem uma expressiva percepção comum” (Costa, 2018, p. 47), e que passam a nos afetar e a sensibilizar o outro.

A experiência das autoras

Como forma de compreender esses fenômenos que emergem nos cotidianos, compartilhamos, aqui, a experiência de nossa participação no clube de leitura da Manu, idealizado e organizado por Manuela D’Ávila. O clube de leitura da Manu é uma iniciativa particular arquitetada e coordenada por Manuela D’Ávila⁶ desde 2021. O objetivo do grupo está em reunir pessoas interessadas em encontrar um novo sentido para a leitura e, ainda, um resgate do hábito de leitura a partir do estudo de livros escritos por mulheres.

⁶ Manuela D’Ávila é uma personalidade conhecida no cenário midiático brasileiro devido principalmente ao seu engajamento político. Em 2018 concorreu à vice-presidência do país junto a Fernando Haddad pelo Partido dos Trabalhadores. Foi vereadora, deputada estadual e federal por Porto Alegre (RS). Atua no combate às fake news através da fundação do Instituto E se fosse você, além de escrever e publicar livros sobre o tema.

Para participar do clube é necessário pagar uma taxa de adesão que abrange toda a oferta da modalidade. Há a possibilidade de aderir à participação ao clube ajudando com o pagamento de um valor a mais para que se ofereça bolsa de estudos a mulheres negras, pessoas trans e indígenas que assim necessitarem. Para esta oferta, a contemplação se dá de acordo com as primeiras inscrições solicitadas. Além da possibilidade de participar do clube, a essas pessoas são destinados os livros para leitura.

O clube se organiza em torno de temáticas as quais levam um tempo determinado para serem trabalhadas. O tempo médio de cada oferta do clube dura cerca de cinco meses, sendo debatido um livro por mês, que é escolhido previamente.

Somos praticantes culturais (Santos, 2019) em formação e compreendemos que os diferentes espaços, situações, vivências e ambiências são potenciais formativos. Aprendemos com nossos pares, com nossos alunos, nos diálogos nas redes sociais, com livros, nos saraus, em slams, nos festivais, nas feiras, nos espaços acadêmicos, nas *lives*, nas palestras etc. Com todos esses artefatos, pessoas e nessas ambiências, estamos conectadas em rede através de nosso dispositivo móvel, seguindo e deixando rastros por onde navegamos.

Desde o período da pandemia de Covid-19, vínhamos realizando imersões nas redes buscando resenhas, comentários, críticas e sugestões de livros feministas pela necessidade de ampliar nosso repertório cultural sobre o assunto. Nesse navegar, fomos apresentadas ao clube de leitura da *Manu* e decidimos ingressar em uma nova aventura.

Soubemos da proposta da sexta edição do clube, que contaria com a leitura e discussão de obras de mulheres escritoras literárias brasileiras brancas e não brancas que, a seu tempo e através de suas vivências e experiências, avançaram em discussões feministas. Cinco obras, cinco autoras que viveram em épocas diferentes. Aceitamos o convite e embarcamos nas leituras e nas discussões. As cinco obras selecionadas foram:

1 - **Úrsula** - Escrito pela maranhense Maria Firmina de Jesus, o romance *Úrsula* foi publicado em 1859. Maria Firmina foi a autora homenageada da Feira Literária Internacional de Paraty em 2022, o que já confere um peso à escolha da obra nesta oferta. Foi o primeiro romance publicado por uma mulher negra no Brasil. Possui uma temática abolicionista e é visto por muitos estudiosos e críticos da literatura como uma obra precursora da temática no país. Os que não possuem fluência na leitura de escritos do século XIX podem sentir dificuldade em adentrar em seu enredo. Insistir na leitura e não se atentar aos detalhes que não consegue compreender é uma dica para prosseguir com a leitura. Outra dica está na leitura em voz alta para si mesmo ou acompanhando um

audiobook. Essa tática ajuda na internalização do texto e na concentração para aqueles que se sentem dispersos. Esses foram alguns dos aprendizados do clube. De início, confessamos que não adentramos com facilidade na história. O começo não nos prendeu e levamos um certo tempo para engrenar. Do meio para o final, aceleramos a leitura, já que a história começa a se amarrar com mais intensidade e a despontar elementos que nos fazem pensar sobre o que seria considerado ‘liberdade’. Fazendo pontos com a atualidade, podemos pensar que a obra traria uma abordagem sobre questões feministas, de raça, opressão e poder. Úrsula é também o nome da personagem principal da história que circula em torno de um amor que não consegue ter um final exitoso diante da ganância e opressão física e psicológica de seu tio Fernando P. De início, o romance é melancólico, mostrando as facetas de um amor que não tem um destino certo, mas o desfecho é sensacional! É trágico e nos dá a sensação de uma viagem no tempo, fazendo-nos nos deparar com as piores faces do período de escravidão em nosso país.

2 - **O Quinze** - O livro *O Quinze* foi escrito por Rachel de Queiroz e publicado em 1930. A obra foi o primeiro romance escrito pela autora, perto de seus 20 anos de idade, despertando imediata reação dos críticos da época pela sua potência. A obra versa sobre a grande seca ocorrida em 1915 no sertão nordestino. Rachel de Queiroz exprime na obra os anseios e angústias da região brasileira através de um aspecto ficcional. A trama destaca diferentes pontos de vista sobre a seca a partir dos dramas vividos por diferentes personagens. Entre eles há uma conexão e, ao mesmo tempo, uma separação diante de suas condições sociais. Rachel escreve de maneira clara, precisa e com um teor de extrema sensibilidade sobre as dificuldades enfrentadas na região castigada pelas desigualdades. A história se delineia em torno de Conceição e Vicente e o drama de Chico Bento e sua família, que buscam sobreviver fugindo em meio à seca desoladora. Trazendo elementos da oralidade popular regional, Rachel engrandece a obra com ressonâncias dos dizeres de pessoas comuns da região. A tradição, o papel da mulher na sociedade, a religiosidade, a aceitação, a questão racial, a resistência, a fome e a miséria são elementos que se revelam na história. Para nós, foi uma leitura mais confortável que a anterior, tendo em vista a objetividade da escrita da autora. A trama nos envolveu desde o início, já que começa a tratar das questões da seca e suas mazelas nas partes iniciais, sem demora, além de dilemas que a personagem principal enfrenta por ser mulher. Em diversas partes, precisamos nos distanciar da leitura diante do horror da descrição das situações vividas pelos personagens. Consideramos uma leitura necessária para entendermos as diferentes adversidades que as desigualdades sociais, raciais e de gênero engendram em nossa sociedade.

3 - **A hora da estrela** - Redigido por Clarice Lispector, *A hora da estrela* foi a última obra escrita pela autora, perto de sua morte. Apresenta uma narrativa não-linear e uma linguagem mais rebuscada que a obra lida anteriormente. A autora apresenta uma autorreflexão sobre a própria estrutura do texto em uma linguagem metalinguística. A leitura da obra parece nos oferecer a sensação de estar em um jogo de palavras, mas que não contempla uma sequência por etapas definidas. Ela utiliza o nome de Rodrigo S.M. como narrador e autor fictício da história. O início do livro conta com uma tentativa insistente do autor de justificar a escrita da história. Macabéa é a protagonista do enredo e é descrita por Clarice como uma personagem que não conhece sua condição neste mundo. Trata-se de uma mulher nordestina que vai tentar uma condição melhor de vida na região Sudeste, na cidade do Rio de Janeiro. A autora a descreve como uma mulher que se depara com um mundo que parece não ter sido feito para ela e que se encontra apenas sobrevivendo à sua condição, sem se dar conta sobre o que seria a sua identidade. A personagem é datilógrafa, mas exerce mal a sua função, tendo, seu chefe, uma relutância em demiti-la por falta de coragem. A ligação de Macabéa com o mundo se dá através da escuta diária do rádio-relógio que a mantém informada sobre os acontecimentos mundanos. Macabéa se envolve com Olímpico de Jesus, seu único namorado, que, na verdade, não lhe dava muita atenção. Olímpico a trocou por sua colega de trabalho, Glória, descrita pelo autor como mais interessante que a protagonista. A hora da estrela, título que dá nome ao livro, acontece quando Macabéa, ao visitar uma cartomante, sai desse encontro com uma expectativa tão grande e aberta que a faz sentir, pela primeira vez, a vida transpassar por seu corpo no momento de sua morte, em um trágico atropelamento. Nesse momento, Macabéa se torna uma estrela, quando deitada, estirada no asfalto, é observada e percebida por todos, só que apenas por curiosidade. A história da anti-heroína Macabéa apresenta o olhar de Clarice que soa, a princípio, como um olhar de desprezo e arrogância pela pessoa nordestina, mas que, no decorrer da trama, se desenrola em uma tentativa de apresentar ao leitor esse processo difícil de percepção de si diante de um deslocamento em massa entre as regiões do país.

4 - **Quarto de despejo** - Escrito por Carolina Maria de Jesus e publicado em 1960, *Quarto de Despejo* é um livro autobiográfico em que Carolina relata em detalhes sua vida como mulher, negra, mãe, catadora de papel e moradora da periferia da cidade de São Paulo. O livro é uma compilação de diários escritos por Carolina Maria de Jesus no decorrer de cinco anos (1955-1960). Carolina relata seu dia a dia como habitante da favela do Canindé, expondo as mazelas, o sofrimento e as angústias vividas pelos moradores da

região. A autora utiliza uma linguagem objetiva, conduzida por marcas da oralidade. O registro popular da narrativa é alternado com uma escrita mais formal. O descaso com a população que é colocada à margem, a dificuldade em criar os filhos, a falta de recursos essenciais, a violência e, sobretudo, a fome são temas centrais tratados na obra. Carolina não chegou a terminar o ensino primário, mas era uma leitora voraz. Em várias passagens de sua obra, ela relata o gosto pela leitura e pela escrita, e que tinha grande vontade de publicar os seus escritos como autora. Carolina descreve sua rotina a partir de um olhar extremamente sensível e crítico sobre sua condição naquele lugar. Por vezes, precisamos parar a leitura devido à profundidade de seus relatos. Relatos esses que não precisavam se estender em muitas palavras. As poucas já elucidavam uma das maiores mazelas que uma pessoa pode passar em sua vida: a fome. Consideramos a leitura extremamente relevante e atual, já que é espelho de um cenário da vida de milhares de brasileiros.

5 - **A obscena senhora D.** - Publicado em 1982, a obra de Hilda Hest foi o último livro lido no clube. A expectativa para sua leitura era grande, tendo em vista a autora ser conhecida pela transgressão em sua forma de escrita. O romance gira em torno da personagem Hillé, que, após a morte de seu marido, se percebe extremamente sozinha. Ela, então, decide viver no vão da escada de sua residência para experienciar o isolamento. Lembranças do passado vêm à sua memória e se misturam ao fluxo de pensamentos que opõem realidade e loucura, corpo e imaterialização, sublime e degenerado. Há a presença de mesclas de ritmo, estilos e abundância de recursos estéticos. O enredo gira em torno da busca incessante pela razão da existência. Hilda nos convida, em sua obra, a perceber o jogo de cenários nos níveis intelectual, erótico e sensorial. Sentimos uma estranheza em relação à forma e ao jogo de palavras utilizados pela autora. É um livro bem diferente dos demais lidos e mais distante das obras habituais de leitura. Sem dúvidas, tendo em vista a sua profundidade e riqueza na utilização do jogo de palavras, sem contar na quebra com a norma e formatos de escrita, se torna uma obra de extrema importância para ser lida e debatida.

Começamos com um cronograma em que se pedia que em uma data determinada começássemos a leitura do primeiro livro. Para que conseguíssemos manter um ritmo de leitura, solicitavam-nos que lêssemos cerca de 8 páginas por dia. A proposta para a primeira *live* semanal, no *Instagram*, era que tivéssemos lido o primeiro capítulo do livro. No cronograma mensal, lemos o livro em três partes, com três encontros pelo *Instagram* sobre essas partes. Na última semana, já com todo o livro lido, através da plataforma de

webconferência *Zoom*, nos encontrávamos com uma convidada para o debate final sobre a obra.

A grande maioria das participantes no Clube era de mulheres e Manuela trouxe o termo feminino universal (chamando os participantes no feminino, as participantes) como uma questão necessária nos encontros e comunicações externas, buscando tornar a linguagem mais inclusiva. A primeira parte dos encontros síncronos era destinada à leitura de um trecho selecionado da obra. Após a leitura feita por Manuela, uma participante por vez poderia estar com ela na tela conversando sobre pontos da obra.

Antes dos encontros síncronos, Manuela disponibilizava vídeos trazendo elementos sobre a vida e a obra das autoras para que pudéssemos compreender o processo histórico, político e social do período em que foi publicado. Os vídeos nos ajudavam na compreensão da escrita da obra a partir de um letramento inicial sobre as questões que a envolviam. Muitas de nós, participantes, não tínhamos um conhecimento mais profundo de características mais específicas da literatura e essa, na verdade, não era a proposta do clube. A ideia era que conduzíssemos a discussão pensando em questões que emergiam como dilemas das obras e tensionássemos com as questões atuais e da época em que foram escritas.

A organização do clube contou com algumas interfaces para acompanhamento e participação das atividades, empreendendo um desenho didático hipermediático que se utilizava de diferentes mídias em conexão. Detalhamos a seguir as interfaces de conteúdo e comunicação utilizadas no decorrer das ações do clube:

- *Instagram*: nesse espaço eram publicados avisos sobre as atividades que aconteceriam no decorrer das semanas e onde ocorreriam as *lives* semanais para leitura e debate do livro;
- *Zoom*: ambiente de encontro síncrono e conversa com convidados, que acontecia no último dia de encontro sobre cada livro;
- *Telegram*: aplicativo de mensagens em que eram divulgados avisos tendo a possibilidade de os participantes dialogarem entre si para debater sobre as leituras realizadas;
- *WhatsApp*: aplicativo de mensagens em que eram publicados avisos sobre a dinâmica dos encontros e atividades. Nesse ambiente não era possível que os participantes dialogassem entre si.

- *Hotmart*: plataforma em que todo o conteúdo do clube era disponibilizado, incluindo as *lives* realizadas e gravadas no *Instagram* e no *Zoom*. Nesse ambiente, também era possível ler dicas, ter acesso a conteúdos extras e ao roteiro do mês;
- *E-mail*: mensagens semanais eram enviadas aos participantes para que não perdessem a programação que ocorreria sobre as atividades semanais.

As interfaces de conteúdo, que são os dispositivos que permitem disponibilizar, criar e partilhar conteúdos digitalizados em diversas linguagens, como imagens, texto e som, eram disponibilizados através do *Instagram* e da plataforma *Hotmart*. Nelas, Manuela D'Ávila e sua equipe disponibilizavam vídeos gravados, indicações de leitura e informações importantes para as praticantes culturais. Partilhávamos conteúdos entre nós através desses e, principalmente, através das interfaces de comunicação como apresentado a seguir.

As interfaces de comunicação síncronas utilizadas, em que as interações entre as praticantes aconteciam em tempo real, foram a plataforma de webconferência *Zoom* e as *lives* no *Instagram*. Nessas, era possível dialogar com outros praticantes culturais por meio do *chat*, considerado por nós um ponto alto e que, de alguma forma, garantiu a interatividade entre as participantes e, ainda, através de compartilhamento de tela junto à mediadora Manuela D'Ávila. Em média, 4 participantes conseguiam conversar com Manuela ou com a pessoa convidada no último encontro sobre o livro estudado. Diante da quantidade de participantes presentes nos encontros, consideramos que a interação com a mediadora acabava por ficar prejudicada, muito embora conseguíssemos dialogar entre nós, mas sem a sua mediação. Havia algumas mediadoras de sua equipe que, em alguns momentos, respondiam às dúvidas das participantes, mas não participavam de debates sobre assuntos por nós discutidos.

As interações assíncronas, que aconteciam em diferentes tempos, se davam, prioritariamente, através do *Telegram*. Sem dúvidas, essa foi a interface mais utilizada por nós em termos de comunicação durante a oferta dessa edição do clube. Uma das grandes vantagens do *Telegram* está na possibilidade de acessar as mensagens de forma direta em qualquer dispositivo, tendo em vista que as mensagens são salvas em servidores em nuvem. Consideramos esse, também, um dos pontos altos no que tange à possibilidade de diálogo com a comunidade de participantes que estiveram envolvidas nas ações do clube.

Em todas as obras, a mulher assume o protagonismo da narrativa e, em diferentes perspectivas e posições, ocupa um lugar de destaque no enredo. Ainda assim, muitos foram

os questionamentos das participantes sobre a escolha das autoras e das obras para serem lidas no clube. Pensamos nos critérios que embasam uma escolha e não outra. Por que um autor consagrado hegemonicamente não tem seu lugar questionado? Por que mulheres têm suas obras questionadas quando escolhidas para serem lidas e debatidas? Mulheres colocando outras mulheres em um lugar de Outridade e pondo em xeque seu espaço de criação e de reconhecimento.

A hegemonia adentra e ganha espaço nas discussões, mas é rebatida e reconduzida a uma discussão sobre o cânone na literatura brasileira. Quais elementos e percepções atribuem a um autor esse posto e inviabilizam outros? Quais os critérios de escolha para termos, em nossa lista de livros, obras e autores a serem lidos no período escolar? E o que fica de fora?

Percebemos a importância da diversidade nesse processo. As participantes eram de várias regiões do país e possuíam formações e compreensões diversas acerca dos diferentes fenômenos que emergiam de nossas relações. Vivenciamos formas de presencialidade apartadas do contato físico. Tal fato agregou e fortaleceu laços que nos ajudaram a superar a individualização, a invisibilidade e o lugar de Outridade nas relações a partir do compartilhamento de saberes em rede.

Nós nos apaixonamos pelas conversas, anotamos dicas e percebemos a relação outra com a leitura de textos literários que pudemos desenvolver durante a participação no clube. Forjamos estratégias de leitura e adquirimos e trocamos habilidades e competências que nem imaginávamos. Foi um processo formativo de extrema relevância para a ampliação de nosso repertório cultural.

O que aprendemos com os clubes de leitura online?

As reflexões que se delineiam em torno da construção de um pensamento feminista atravessam o nosso cotidiano e se fortalecem em diversas formas de interação. Os encontros que se gestam através das redes sociais no ciberespaço são ambientes potenciais de luta, resistência e revide de mulheres que buscam, a partir da participação crítica e ativa, expressar e ressignificar valores e visões de mundo construídos historicamente sobre si mesmas.

Os clubes de leitura são espaços profícuos para reflexão sobre os feminismos através de um olhar crítico a partir da leitura e debate de diferentes obras. O lugar do encontro permite-nos caminhar para além dos limites e engessamentos socialmente construídos,

avançando em um debate crítico através de rupturas. A possibilidade do encontro com pessoas geograficamente dispersas e com interesses em discussões similares propiciou diversidade mais ampla na arena de discussões sobre diversos assuntos e, apontamos como destaque, aqui, a forma como mulheres negras narravam sobre suas subjetividades e visões de mundo através do rompimento com as imagens edificadas pelo racismo.

Apresentamos neste estudo o desenho didático online arquitetado para o clube de leitura da *Manu* a partir das experiências das autoras em sua sexta oferta. As diversas interfaces disponibilizadas para debate e interação de forma síncrona e assíncrona propiciaram-nos perceber as diversas expressões dos feminismos contemporâneos a partir das histórias de vida apresentadas nas obras e entrecruzadas com as histórias das participantes do clube.

Essas trocas de experiências impulsionam uma articulação em potência que nos ajuda a debater formas de violência, vulnerabilidade e preconceito, caminhando para pensar formas de enfrentamento, resistência e (auto)reconhecimento.

Assim sendo, concluímos mapeando saberes mobilizados com e pela experiência, tais como:

1. aprendemos em rede na relação *cidadeciberespaço*, ou seja, em interface com territórios físicos, lógicos e informacionais;
2. construímos conhecimento na cibercultura a partir das diferentes interconexões entre nós, seres humanos, e objetos técnicos (conteúdos digitais científicos, artísticos, literários, produções cotidianas), para além da educação formal, colocando-a em xeque;
3. fortalecemos nossas redes de (re)existência na partilha, no compartilhamento de saberes e habilidades com mulheres e aliades unidos na compreensão de formas de opressão e no enfrentamento das diversas formas de subjugação e silenciamento.

Seguramente, o diálogo com as diferentes vozes com as quais interagimos no clube só foi possível na relação com o ciberespaço. Relação essa que revela uma capacidade de articulação, multiplicação e mobilização através/por narrativas e relatos pessoais que transcendem a legitimação de uma história única.

Referências

- ARDOINO, Jacques. Pensar a multirreferencialidade. In: MACEDO, Roberto Sidnei; BARBOSA, Joaquim Gonçalves; BORBA, Sergio. *Jacques Ardoino & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- BARREIRA, César Mortari; FONSECA, Júlia Albergaria Guedes da. Violência doméstica na pandemia: Dados Pandêmicos. *Politize*, Florianópolis, 28 abr. 2022. Disponível em: <https://www.politize.com.br/violencia-domestica-pandemia/>. Acesso em: 2 dez. 2022.
- COSTA, Cristiane. Rede. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Explosão feminista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 43-60.
- FERNANDES, Teresinha; SANTOS, Edméa. Ciberfeminismo e multiletramentos críticos na cibercultura. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 36, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.76124>.
- GONZÁLEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio Janeiro: Zahar, 2020.
- HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. 3. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.
- KILOMBA, Grada. *Memórias de plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LEMOS, André (org.). *Cibercidade: as cidades na cibercultura*. Rio de Janeiro: Editora E-papers, 2004.
- LEMOS, André; LÉVY, Pierre. *O futuro da internet*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2010.
- LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2010.
- MACEDO, Roberto Sidnei. *A pesquisa como heurística, ato de currículo e formação universitária: experiências transingulares com o método em ciências da educação*. Campinas: Pontes Editores, 2020.
- MATOS, Marlise. Movimento e teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do Sul global?. *Sociologia e Política*, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 67-92, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-44782010000200006>.
- SANTAELLA, Lucia. *Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação*. São Paulo: Paulus, 2013.
- SANTOS, Edmea. Educação on-line na pós-graduação stricto sensu: o caso da unidade curricular “applied instrucional design” do programa de pós-graduação on-line em tecnologia educativa da universidade do Estado de Ohio nos Estados Unidos. *Interfaces Científicas*, Aracaju, v. 12, n. 1, p. 278-298, 2023. DOI: <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2023v12n1p278-298>.
- SANTOS, Edmea. *Escrevivências ciberfeministas: narrativas de uma mulher durante a pandemia covid-19*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

SANTOS, Edméa. *Pesquisa-formação na cibercultura*. Santo Tirso, Portugal: Whitebooks, 2014.

SANTOS, Edmea. *Pesquisa-formação na cibercultura*. Teresina: EDUFPI, 2019.

SANTOS, Edmea; RANGEL, Leonardo. *O caminhar na educação: narrativas de aprendizagem, pesquisa e formação*. Ponta Grossa: Atena, 2020.

SANTOS, Edmea; WEBER, Aline. Diários online, cibercultura e pesquisa-formação multirreferencial. In: SANTOS, Edméa; CAPUTO, Stela Guedes (org.). *Diário de pesquisa na cibercultura: narrativas multirreferenciais com os cotidianos*. Rio de Janeiro: Omodê, 2018.

Recebido em: 15 de abril 2024

Aceite em: 26 de agosto 2024